

# EVANGELIZAÇÃO DA PENÍNSULA E SEUS PRIMEIROS EVANGELIZADORES

POR JOSÉ MANUEL LANDEIRO

## NO TEMPO DOS SUEVOS

Desde o tempo de Constantino, a Hispânia ficou dividida, para efeitos administrativos, em 5 províncias: Lusitânia, capital Mérida; Bética, capital Sevilha; Galécia, capital Braga; Cartaginense, capital Cartagena; Tarracense, capital Tarragona.

A cada uma delas correspondia uma província eclesiástica, atribuindo-se a categoria de *metropolitana* ao bispo da capital civil.

A cada civitas presidia, em regra, um bispo. A diocese de Braga datava talvez do século III e deveria ser a única da Galécia, em terras do actual Portugal.

O cristianismo teve, em Portugal, o seu primeiro desenvolvimento nas cidades.

Pode dizer-se que, à parte de alguns cultos gentílicos no princípio do século V, quase toda a população hispano-romana era cristã, e o culto existente dos ídolos começou por decair ainda no tempo dos romanos.

A invasão dos bárbaros, embora considerada como uma grande catástrofe para a Igreja, foi de grande alcance para a ampliação do Cristianismo.

Após os primeiros desastres com a sua inquietação, veio a confiança por um futuro risonho.

Por isso, Santo Agostinho dizia: «Não é um mundo que acaba, mas um mundo novo que começa».

Dá-se a queda de Roma e 20 anos depois seguem-se as conversões de bárbaros. Entre elas, mencionaremos a de Clovis, chefe dos francos, juntamente com 3.000 dos seus guerreiros.

No século VI convertem-se os suevos evangelizados por S. Martinho

de Dume. Em 589 é Recaredo, rei dos Visigodos, que abraça, solenemente, a fé cristã.

## INVASÕES DOS BARBAROS

Como dissemos no 1.º capítulo deste trabalho <sup>(1)</sup>, os romanos denominavam por — bárbaros — a todos os povos que viviam fora das fronteiras do império.

Deles, os primeiros a entrarem na Península foram os *Alanos*, *Vândalos* e *Suevos* que em 409 passaram os Pirineus, depois de haverem devastado as Gálias.

Após um período de guerras com os hispano-romanos, resolveram repartir entre si as províncias, para nelas viverem pacificamente, (411) indo os suevos para a Galiza.

## O REI REQUIÁRIO

Idácio e Santo Isidro informam que Requiário (448-456) foi o primeiro rei suevo que se converteu ao catolicismo «embora não deixasse as práticas de barbaridade sangüinária».

## S. MARTINHO DE TOURS

No alvorecer do século IV (316-397) evangelizou as Gálias e o Ocidente um bispo que se notabilizou pelas suas virtudes e milagres. Esse evangelizador foi S. Martinho de Tours.

O seu túmulo foi centro de muitas peregrinações. A ele implorou graças Charrarico, rei dos suevos numa grave doença de seu filho Teodomiro.

Para obter a cura, Charrarico enviou à Gália emissários à procura de relíquias de S. Martinho de Tours, e fundou uma igreja em sua honra, possivelmente em Dume. Os emissários, em vez dele, encontraram um outro Apóstolo, natural de Panoia (Hungria) também com o nome de Martinho.

Este novo Martinho havia desembarcado em Portuscale, aonde os reis suevos viviam com mais frequência, e fundou, em Dume, um mosteiro que se tornou uma verdadeira escola monástica, junto à igreja fundada em honra de S. Martinho de Tours, por Charrarico.

S. Martinho foi elevado à dignidade episcopal, ficando toda a região do mosteiro de Dume constituindo um bispado com a Sé na igreja do mosteiro

<sup>(1)</sup> Vide NVMMVS n.º 22. Volume VI — 3.

(556). (1) A conversão do povo suevo, apoiada no exemplo da corte, depois de alguns anos de duro e intenso trabalho apostólico, veio a operar-se no reinado de Teodomiro, (o miraculado por S. Martinho de Tours), (558-559), realizando-se, nessa altura, o 1.º concílio de Braga.

Com a morte do bispo de Braga, Lucrecio, Martinho de Dume foi ocupar a vaga no sôlio metropolitano bracarense. Com a ampliação dos territórios dos suevos, ampliaram-se também os limites das províncias eclesiásticas: além da Galiza, ficaram-lhe ainda adstritas as Astúrias e grande parte da Lusitânia.

O reino suevo ficou dividido, eclesiásticamente, em dois sínodos: Bracarense e Lucense, ainda que em Lugo não fosse criada uma nova Sé metropolitana.

Ficou, pois, Braga com o sôlio metropolitano das Espanhas.

Os bispos dos dois sínodos uniram-se em Braga para um novo concílio (o 2.º) ao qual presidiu S. Martinho de Dume, — falecido a 20/3/579 e sepultado na Catedral de Dume, passando em 1606 para a Sé de Braga os seus restos mortais.

A igreja Bracarense celebra a sua festa em 20 de Março.

## A EGITÂNIA

Esta «civitas» dos Igeditanos, a cidade episcopal dos Suevos, a Egitânia dos Visigodos, principia por ser município romano e termina por cidade episcopal do reino dos Suevos e Visigodos.

Com a queda do império romano, a Península foi invadida, no ano 405, pelos Alanos, Vândalos, Artingos, Silingos, Suevos e Visigodos.

Os Alanos instalaram-se ao Sul do Douro. Os Suevos foram a ocupar as terras a Noroeste, fazendo de *Bracara* a sua capital e, mais tarde, alargaram o seu território até à Bética, tendo, nesta altura, (410-420), tomado a Egitânia, que sofreu, então, a primeira das muitas destruições de que foi vítima até ao domínio árabe.

A destruição, pelos suevos, não foi total, visto que a cidade, em pouco espaço de tempo, foi reconstruída e rapidamente adquiriu grande prestígio com a escolha dela para a sede de um novo bispado.

(1) Este bispado durou até à invasão árabe (711).

«Monastère fondé par saint Martin de Dume, au milieu du VI siècle, et abandonné par ses successeurs trois siècles plus tard n'a laissé aucune trace matérielle de son ancienne splendeur». Un modeste hameau dans les faubourgs de Braga, conserve seulement le nom du saint fondateur». (Georges Gaillard, professor da Universidade de Lille).

Autores há que afirmam que desta destruição permaneceu intacto o bairro «Guimarens» onde se diz ter nascido S. Dâmaso que ocupou a cadeira de S. Pedro, em Roma (366-384) e sua irmã Santa Irene. Este bairro tem hoje o nome de *Rua de Guimarães*. Devido a estes toponímicos, formou-se tal confusão que certos autores não souberam discriminar a localização destes lugares e supõem S. Dâmaso natural da cidade de Guimarães e não do Bairro Guimarens (Idanha-a-Velha), quando é certo que a cidade de Guimarães ainda não estava fundada no tempo em que viveu S. Dâmaso. Este Santo é pois do Bairro de Guimarens (Idanha-a-Velha) e não de Guimarães, cidade.

Como já tivemos ocasião de dizer há a tradição de que, quando da estada de S. Paulo na Península, <sup>(1)</sup> prégou, nestas terras, onde converteu Xantipas, seu marido Probo e todos os habitantes da região.

Não existem documentos que comprovem esta tradição e o mesmo poderemos dizer da estada de S. Pedro de Rates, discípulo de Santiago, como já atrás dissemos.

Positivamente, as notícias concretas sobre o cristianismo na Península só aparecem depois dos meados do século III, partindo-se da hipótese que os primeiros cristãos da Hispânia tenham sido mercadores e soldados, vindos de Roma, antes do início da evangelização da Península.

A diocese da Egítânia deve ter sido criada quando Teodomiro, rei dos Suevos, filho de Charrarico, (559-570) impressionado pela prégão de S. Martinho de Dume ou então pelo facto de ser um miraculado de S. Martinho de Tours, se converteu ao Cristianismo, e, com ele, todo o povo.

A conversão dos suevos efectuou-se por diversas vezes, pois eles tão depressa se convertiam como depressa abjuravam o cristianismo. O próprio Rei Requiário (448-456) — o primeiro rei suevo convertido ao Cristianismo — nunca deixou de praticar as barbaridades sanguinárias, <sup>(2)</sup> como já dissemos.

---

<sup>(1)</sup> Ao que já dissemos sobre a estada de S. Paulo na Península, Pierre David «in Etudes sur le livre de Saint-Jacques atribui au Pape Calixte II, In Bulletin d'Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal», Tomo X-XIII; Coimbra 1945-1949, à «Prégão de S. Paulo é uma lenda tardia, na qual se enxertaram muitas outras, ainda menos verosímeis» pois que «se a viagem de S. Paulo se passou de projecto, não deixou qualquer lembrança na tradição popular» o que não é verdade, pois no texto apresentamos grande número de tradições.

<sup>(2)</sup> O bispo Idácio foi o historiador que mais se ocupou destes acontecimentos. Foi preso por um dos chefes dos suevos a 26-7-460, na Igreja de AQUAS FLAVIAS (Chaves), onde tinha a sua sede Episcopal, tendo sofrido o cativo durante três meses.

Antes da conversão de Charrarico, já o Rei Requiário, em 448, se havia convertido, tendo sido este o primeiro rei cristão do «orbe latino» como já tivemos ocasião de fazer referência. Não durou muito o Cristianismo do povo suevo, pois que, tendo sido morto em Portuscale o rei Requiário, pela altura da invasão goda, os suevos regressaram ao arianismo, voltando com Charrarico tal qual aconteceu anos depois com Teodomiro que caíram no arianismo, <sup>(1)</sup> depois de segunda conversão.

A última data dos suevos a voltarem a ser arianos é-nos apontada como sendo o ano 466.

---

<sup>(1)</sup> Arianismo foi a heresia proclamada por Ario. O ponto de partida de raciocínio de Ario consiste em que nos três primeiros evangelhos e mesmo no quarto o Filho aparece subordinado ao Pai. A essa subordinação deu ele um sentido absoluto, o que destruía a igualdade das pessoas da SS. Trindade.

Se o Filho, diz Ario, está subordinado ao Pai, não é absolutamente Deus; por conseguinte, não é igual ao Pai e não o sendo, não é da mesma essência: porque se possuía a essência divina, sendo essa essência perfeita, devia ser ele próprio perfeito, e nesse caso havia dois Deuses iguais em tudo, o que levava ao politeísmo. Além disso, sendo a substância divina absolutamente simples, indivisível e imutável, Deus não pode criar, se se entende por esta palavra produzir, tirar da sua própria substância: portanto, geração e criação são neste caso sinónimos; ao lado da substância incriada, não pode haver senão substâncias criadas, e quem diz «ser criado», diz um ser que teve começo, que nasceu no tempo. Logo o Filho não é eterno, é uma criatura, é uma obra, a criatura-tipo, sem dúvida, mas, enfim, criatura.

O arianismo começou a manifestar-se em 318, propagando-se com grande rapidez e dando lugar a acesas controvérsias entre os teólogos. Ocuparam-se da heresia diferentes concílios que a condenaram, o que não impediu que os que a ela aderiram a pregassem com denodo. O patriarca, por seu turno, não descansou na propaganda da sua doutrina, chegando a enviar a sua profissão de fé a muitos bispos; indo à Palestina e à Bitina pregá-la, muitos homens eminentes prestaram a sua adesão, entre os quais Eusébio de Nicomédia e Eusébio de Cesarea. Assim dividida a Igreja em dois campos, a luta encarniçou-se, travando-se um verdadeiro duelo entre os partidários de Ario e os seus antagonistas. Combatida a heresia pelo concílio de Nicea, os bispos que não aderiram às resoluções dessa assembleia começaram a prêgar com mais veemência a nova doutrina, conseguindo o arianismo dominar no Oriente. Vieram depois os concílios de Sardica na Ilíria e de Filipopolis, na Trácia, onde os bispos aderentes se excomungaram reciprocamente, até que, após muitas lutas e muitas controvérsias, os arianistas foram tratados como rebeldes, sendo as suas igrejas saqueadas.

Quando parecia perto a extinguir-se, a invasão dos bárbaros trouxe-lhes novos alentos, conseguindo dominar ainda na Itália com Teodorico na Gália Narbonesa, na Aquitania e em Espanha com Alarico, na África com os Vândalos, etc. Pouco depois, porém declinava rapidamente, até que de todo emudeceram os que com tanta veemência haviam pregado e propagado a nova heresia, que marca um período tempestuoso na história das lutas e das controvérsias religiosas.

Conversões e Abjurações do povo suevo foram devidas à «atitude pouco uniforme dos monarcas».

A conversão dos suevos tornou-se definitiva entre os anos 550 a 560 com S. Martinho de Dume, «o Apóstolo dos suevos», que, segundo a opinião do Padre Miguel de Oliveira, desenvolveu aqui uma acção em tudo semelhante à do seu compatriota e homónimo S. Martinho de Tours, «o Apóstolo das Gálias», que tratou da organização não só paroquial como monástica, isto é, da organização eclesiástica.

Em 585 o reino dos suevos desaparecia, absorvido pelos visigodos, depois de obedecerem já ao Papa durante mais de 40 anos. Com a invasão dos árabes, a Egitânia foi atacada e destruída, a ponto de os seus bispos se terem refugiado na vila de Penamacor, servindo-lhe de Sé a igreja de Santiago.

Nesta vila beiroa os prelados egitanienses estavam mais acobertos dos mouros de Alcântara. Aqui estiveram até que D. Sancho I, em 1199, por a cidade de Idanha se encontrar destruída desde o tempo dos mouros, «escreveu ao Papa Elestino que lhe mandasse bispo, etc., e lhe mandou o bispo D. Martinho, o primeiro de nome, estrangeiro de nação, pelos anos do Senhor de 1211». D. Sancho I fundou naquele ano a diocese da Guarda e, nessa época, o rei Povoador obteve do Papa Inocêncio III licença para transferir para a nova cidade a sede episcopal de Idanha para a Guarda «com a condição expressa de conservar o antigo e venerando título *egitaniense* em homenagem à histórica cidade da Egitânia».

Foi seu primeiro bispo D. Martinho Pais, mas só em 1229 se instituiu a Sé.

A diocese ficou sufragânea de Compostela até que no reinado de D. João I passou a ser da metrópole de Lisboa. O que sucedeu à Egitânia (diocese) em lhe mudarem a sede para a Guarda, o mesmo aconteceu com Conimbriga em que os bispos tiveram de ir, no tempo dos suevos, para Eminium, onde instalaram a sede da sua diocese.

Só existe uma diferença entre ambas, é a de que a primitiva sede egitaniense não está, actualmente, incluída no território da diocese que hoje conserva o seu nome, mas, sim, na de «Portalegre e Castelo Branco».

Foi com razão que o mestre José Leite de Vasconcelos cognominou Idanha-a-Velha de «ruína das ruínas» onde, actualmente, desde há dois anos, um ilustre arqueólogo, sr. dr. D. Fernando de Almeida, chefia as escavações do subsolo da velha catedral, nossa velha aspiração, defendida tanto no livro como no jornal e ainda na rádio.

Temos a certeza de que Idanha-a-Velha, a sucessora da cidade epis-

copal dos suevos, há-de vir a ser um dia um centro de peregrinação de pessoas que amam o Passado.

A grande obra que ali vem realizando o distinto arqueólogo sr. dr. D. Fernando de Almeida, proclamado há pouco tempo oficialmente «cidadão honorário da Egitânia», com a comparticipação da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais e com o auxílio do sr. António de Pádua Marrocos e da Casa Capelo Franco e do da Junta Provincial da Beira Baixa, tudo nos faz crer em que virá a contribuir para o enriquecimento do património histórico-arqueológico da Província da Beira Baixa e, portanto, da Arqueologia Nacional.

DEUS O QUEIRA!

### OBRAS CONSULTADAS

- ACTOS DOS APÓSTOLOS — Novo Testamento.  
 ALMEIDA (*D. Fernando de*) — Egitânia — 1956.  
 ALMEIDA (*Fortunato de*) — História da Igreja em Portugal — 1915.  
 ALVES (*Francisco Manuel*) — Memórias Arqueológicas do Distrito de Bragança. Tomo IX — 1934.  
 ARGOTE (*D. J. Contador D'*) — Memórias para a História Eclesiástica do Arciprestado de Braga — Primaz da Espanha — Tomo I — 1734.  
 AZEVEDO (*P.<sup>o</sup> Agostinho de*) — Terras da Maia — 1939.  
 AZEVEDO (*Rui de*) — O Mosteiro do Lervão na Reconquista Cristã — 1948.  
 ACTAS DE LOS VERONES APOSTÓLICOS in *Miscelânea Litúrgica Cristã* — Tomo I — 1948.  
 BOSCH (*Gimpera*) — La Formacion de los Pueblos de España — 1945.  
 BEIRA ALTA — Da Junta Provincial da Beira Alta.  
 BRANDÃO (*Fr. António*) — Crónica de D. Sancho I — 1945.  
 BRACARA AUGUSTA — Câmara Municipal de Braga.  
 CARVALHO DA COSTA (*P.<sup>o</sup> António*) — Geografia Portuguesa — 1708.  
 COLECCÃO DE CÂNONES ORDENADOS por S. Martinho Bracarense — 1803.  
 COLECTIO CANONUM ECCLESIAE HISPANAE — 1808.  
 DAVID (*Pierre*) — Etudes Historiques sur la Galice et le Portugal du VI.<sup>o</sup> siècle au VII.<sup>o</sup> siècle — 1947.  
 DAVID (*Pierre*) — Etudes sur le livre de Saint-Jacques attribué au Pape Caliste II in *Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal* — Tomes X-XIII — 1945-1949.

- ERDMANN (*Caetl*) — O Papado e Portugal no I século da História Portuguesa — 1953.
- ESTRABÃO — Geographie in viajes de extranjeros por España y Portugal — 1952.
- ESTAÇO (*Gaspar*) — Várias Antiquidades de Portugal — 1625.
- FERREIRA (*Pr. F. Joaquim José*) — História de N.<sup>a</sup> Senhora — 1915.
- FONSECA (*Crispiano*) — A Egíptea — Idanha-a-Velha — 1922.
- GAMA E CASTRO (*J. Osório*) — Diocese e distrito da Guarda — 1902.
- GARCIA VILLADA (*Zacarias*) — História Eclesiástica de España — Tomos I e III — 1929 e 1936.
- GARCIA E BELLIDO (A) — Os mais primitivos nomes da Península Hispânica — 1947.
- GARCIA E BELLIDO (A) — La Península Ibérica en los comienzos de su Historia — 1953.
- HERCULANO (*Alexandre*) — História de Portugal.
- LANDEIRO (*José Manuel*) — O concelho de Penamacor — 1938.
- LANDEIRO (*José Manuel*) — Diocese da Guarda — 1940.
- LANDEIRO (*José Manuel*) — Da velha Egíptea — 1952.
- LEITE DE VASCONCELOS (*José*) — Etnografia Portuguesa — Tomo III — 1885.
- LEITE DE VASCONCELOS (*José*) — Religiões da Lusitânia — Tomo I e III 1893-1913.
- MARROCOS (*A. Capelo Manzarra*) — Idanha-a-Velha — 1936.
- MEREIA (*Paulo*) — Algumas palavras sobre Portugal no século IX — 1930.
- OLIVEIRA (*P.<sup>o</sup> Miguel de*) — História Eclesiástica de Portugal — 1948.
- OLIVEIRA (*P.<sup>o</sup> Miguel de*) — Epigrafia Cristã em Portugal — 1941.
- OLIVEIRA (*P.<sup>o</sup> Miguel de*) — As Paróquias Portuguesas — 1940.
- PELAYO (*Menendes*) — História de los Heterodoxos Españoles — Tomo I — 1946.
- PERES (*Damião*) — A Reconquista Cristã.
- PORTUGALIA E MONUMENTA HISTÓRICA.
- REVISTA DE GUIMARÃIS — Sociedade Martins Sarmiento.
- SCILAX - PERIPLO — Cap. 2 in Fontes.
- SILVA PINTO (*Sérgio*) — Requiário de Braga — Primeiro Rei Católico do Orbe Latino — 1954.
- SYLVA LEAL (*M. Pereira*) — Notícias da Gazeta Ocidental — 1898.
- VASQUEZ DE PARCA — La Division de Wamba — 1743.
- VITERBO (*Fr. J. de Santa Rosa de*) — Elucidário — 1865.